

## Front Matter / Elementos Pré-textuais / Páginas Iniciais

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, LAO. *O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 447 p. ISBN 978-85-7983-020-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

**O PERCURSO  
DA INDIANIDADE  
NA LITERATURA  
BRASILEIRA**



LUZIA APARECIDA OLIVA DOS SANTOS

**O PERCURSO  
DA INDIANIDADE  
NA LITERATURA  
BRASILEIRA**  
MATIZES DA FIGURAÇÃO

**CULTURA  
ACADÊMICA**  

---

*Editores*

© 2009 Editora UNESP

**Cultura Acadêmica**

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

feu@editora.unesp.br

CIP – Brasil. Catalogação na fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

S235p

Santos, Luzia Aparecida Oliva dos

O percurso da indianidade na literatura brasileira : matizes da figuração / Luzia  
Aparecida Oliva dos Santos. – São Paulo : Cultura Acadêmica, 2009.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7983-020-4

1. Literatura brasileira. 2. Índios na literatura. I. Título.

09-6215.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

---

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias  
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de  
Editoras Universitárias

GUARANI amniapê arawine aré ariken aruá asurini  
aweti boca negra canoeiro avá ARAGUAIA ipotewát  
itogapuk jabutiféd kabixiana kamayurá karitiana  
kayabi kepkiawat KAMAIURÁ makurap manitsawá  
mialat mondé mudjetire parakanã parintintin puruborá  
NAMBIKUARA sanamaika takuatép tapirapé urubu-  
kaapor wiraféd CREN-ACÁRORE agavotokueng  
barawana ipurinã kulinao SUIÁ kustenau mandawaka  
maopityã mehinako waurá TXUCARRAMÃE xirianá  
yabaana urumi tupari hohodene kanamri karutana kaxarirí  
CUICURO koripako iranxe kujjenerí paumari tariana  
warekena yamamadi yuberi UAURÁ manitenéri marawá  
palikur pareci wapixana kayuixana UILAPITI kinikinau  
terena wainumá karib aipatsê arara MEINACO atruahí  
kalapalo kuikuru matipuhý mayongong AUETI nahukuá  
naravute parikotó pianokotó saluma CALAPALO tiryió  
tsuva tupi waimiri waiwai apalai bakairi JURUNA  
ingarikó katawiã kaxuiána purukoto sikiana taulipang  
SARIRUÁ wayana galibi makuxi palmela jê suyá xavante  
akuén xikrin xokleng MAIRUM apaniekra apinayê  
kenkateye krikati timbira txakamekra xerente kayapó do  
sul PANAM aiwateri arikapu baeña botocudo EPEXÃS  
kubenkranken mentuktire krenaque guaharibo XITÃS  
javaé jabuti kabixi kreen-akarôre TAULIPANGUE  
makunabodo nambiakwara ofaié oti pakaa novas amahuac  
bororo desana POROMINARE iawano kanamai  
kapanawa karajá katukina kaxinawá kobéwa kurina  
marinawa BACURIQUIREPA nukuini espinho guató

kadiwéu karipuna kuyanawa pokanga marakaná marubo  
BAÍRA matanawí maxakali mayoruna poyanawa sakuya  
tora yuma fulniô kamakã mirânia TAPANHUMAS  
natú pakarará pankararu potiguara tuxá uamué xokó  
xukuru guajá pakidai waiká AIMORÉS wayoró xirianá  
tukuna tuxinawa tuyuca waikino wanano witoto xipinawa  
yaminawa yawalapiti GOITACÁ oti ofaié palikur  
karipuna emerillon galibi wayoró baenã rama-rama aruak  
kuniba TUPI katiana pasé layana bakairi parawa mura  
paranawat tapuia guarani maku TABAJARA pano pataxó  
parime tapayuna trumai txikão umutina guarategaja  
PITIGUARAS urupá huari tapirapé takumanféd  
tupari urubu-kaapor urumi wiraféd parikotó kaingáng  
kubenkrañotire TUPINIQUIM dióre gavião gorotire  
pakanawat tukána pauxi pauxiana maxakali xokó oti avá

# AGRADECIMENTOS

À manifestação divina por meio da palavra, pelo sopro de lucidez na escritura deste trabalho.

Ao professor Sérgio Vicente Motta, orientador, pela seriedade com que acompanhou o desenvolvimento da pesquisa e pela confiança depositada.

À professora Sônia Piteri, coorientadora, pela disponibilidade e atenção.

Ao professor Antonio Manoel dos Santos Silva, pelos valiosos apontamentos durante a disciplina de Prosa Brasileira e pela acuidade na avaliação do texto no exame de qualificação e na defesa.

À professora Walnice A. de Matos Vilalva, pelas indicações embrionárias deste projeto e pela avaliação do texto no exame de qualificação.

À professora Susanna Busato, pela contribuição importante durante a disciplina de Poesia Brasileira e pela leitura do texto nesta fase de avaliação.

À professora Haydée Ribeiro Coelho, pelas contribuições valiosas na avaliação do texto.

Ao professor Valentim Facioli, pelas contribuições valiosas na avaliação do texto.

Aos professores do Ibilce, pela formação exemplar e pela companhia neste tempo de formação.



À seção de Pós-Graduação, pela atenção constante no atendimento e pelo carinho.

Aos funcionários do Ibilce, pela disposição em fazer sempre o melhor.

Aos meus filhos Tarcis, Talita e Tainá, companheiros sempre, e ao Antonio, pela presença em meio à adversidade.

Aos meus pais Luiz (*in memoriam*) e Otília, regentes de minha história.

A todos os meus amigos, por não se cansarem de dizer palavras de incentivo, por acreditarem no meu projeto.

À Juliana Lins Precioso, pela moradia cedida em São José do Rio Preto e pela amizade.

Aos familiares, pelo apoio durante o afastamento.

À Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), pela licença concedida à qualificação.

Ao professor Lauro José da Cunha (*in memoriam*), pela presença constante na minha formação.

À Capes, pela disponibilidade de bolsa.



Índios botocudos. Acervo particular Felipe Luiz Oliva – Iretama (PR).

*A meu avô Felipe Luiz Oliva, in memoriam, pelas histórias contadas, desde criança, diante das fotos emolduradas na parede de seu escritório. Ele é o responsável pelo embrião do trabalho que ora se faz corpo.*

*A meu irmão, Felipe Oliva Neto, in memoriam, pelo incentivo constante desde a minha infância, na certeza de que eu cumpriria seu desejo de me qualificar. Sua obstinada ousadia levou-o à morte; seus ideais alimentaram-me.*



Os que andastes pelo mundo, e entrastes em casas de prazer de príncipes, veríeis naqueles quadros e naquelas ruas dos jardins dois gêneros de estátuas muito diferentes, umas de mármore, outras de murta. A estátua de mármore custa muito a fazer, pela dureza e resistência da matéria; mas, depois de feita uma vez, não é necessário que lhe ponham mais a mão: sempre conserva e sustenta a mesma figura; a estátua de murta é mais fácil de formar, pela facilidade com que se dobram os ramos, mas é necessário andar sempre reformando e trabalhando nela, para que se conserve. Se deixa o jardineiro de assistir, em quatro dias sai um ramo que lhe atravessa os olhos, sai outro que lhe descompõe as orelhas, saem dois que de cinco dedos lhe fazem sete, e o que pouco antes era homem, já é uma confusão verde de murtas. Eis aqui a diferença que há entre umas nações e outras na doutrina da fé. Há umas nações naturalmente duras, tenazes e constantes, as quais dificilmente recebem a fé e deixam os erros de seus antepassados; resistem com as armas, duvidam com o entendimento, repugnam com a vontade, cerram-se, teimam, argumentam, replicam, dão grande trabalho até se renderem; mas, uma vez rendidos, uma vez que receberam a fé, ficam nela firmes e constantes, como estátuas de mármore: não é necessário trabalhar mais com elas. *Há outras nações, pelo contrário – e estas são as do Brasil –, que recebem tudo o que lhes ensinam, com grande docilidade e facilidade, sem argumentar, sem replicar, sem duvidar, sem resistir; mas são estátuas de murta que, em levantando a mão e a tesoura o jardineiro, logo perdem a nova figura, e tornam à bruteza antiga e natural, e a ser mato como dantes eram.* É necessário que assista sempre a estas estátuas o mestre delas: uma vez, que lhes corte o que vicejam os olhos, para que creiam o que não vêem; outra vez, que

lhes cerceie o que vicejam as orelhas, para que não dêem ouvidos às fábulas de seus antepassados; outra vez, que lhes decepe o que vicejam as mãos e os pés, para que se abstenham das ações e costumes bárbaros da gentildade. E só desta maneira, trabalhando sempre contra a natureza do tronco e humor das raízes, se pode conservar nestas plantas rudes a forma não natural, e compostura dos ramos.

Antonio Vieira, Sermão do Espírito Santo, 1657

# SUMÁRIO

Introdução – Colonização e relato: síntese e dimensão  
do estereótipo indígena 15

PARTE I – Vozes afluentes do colonizador: o verbo  
inaugural do mito americano 39

- 1 Versões do olhar: o roteiro entre o poder  
e a substância da brasilidade 49  
(*Pero Vaz de Caminha*)
- 2 Os Brasis serão Brasil: da antropofagia ao rosário 63  
(*José de Anchieta*)
- 3 Realidade e aparência em Vieira: o indígena sob  
o signo do paradoxo 91  
(*Antonio Vieira*)
- 4 O universo híbrido de *O Uruguai*: ruptura e fundação 111  
(*Basílio da Gama*)

PARTE II – Pigmentos da nacionalidade: vias de acesso  
ao índio transfigurado 147

- 1 A estatura do índio como herói humano 155  
(*Gonçalves Dias*)
- 2 A tríade alencariana: história, lenda e mito no desaguadouro  
romântico dos ares nacionais 175  
(*José de Alencar*)

- 3 *Jupira*: idealismo e transição no vértice da cultura indígena 207  
(Bernardo Guimarães)

PARTE III – Rio acima, rio abaixo: a arqueologia  
da linguagem mitopoética 225

- 1 A banzar com Macunaíma 231  
(Mário de Andrade)
- 2 O mistério ameríndio plasmado na intimidade  
das águas poéticas de *Cobra Norato* 253  
(Raul Bopp)
- 3 Mitavaí Arandu: às voltas com Macunaíma 273  
(Manuel Cavalcanti Proença)

PARTE IV – Raízes dispersas, ramos indissociáveis:  
síntese e jogo 297

- 1 O descompasso do barroco na poesia brasileira:  
mobilidade e inconformismo 303  
(Gregório de Matos Guerra)
- 2 O engenho verbal da poesia *Pau-brasil*: oposição e emblemas 319  
(Oswald de Andrade)

PARTE V – Transfiguração e experiência estética: a narrativa  
pluridiscursiva do indigenismo literário 341

- 1 *Quarup*: o Brasil-centro pelas veredas do jogo e máscaras 347  
(Antonio Callado)
- 2 *Maíra*: os afluentes representativos no encontro  
do indígena com a experiência da civilização 381  
(Darcy Ribeiro)
- 3 *Meu tio o Iauaretê*: fronteiras da linguagem e da figuração 413  
(João Guimarães Rosa)

Considerações finais 429

Referências bibliográficas 437